

TECNOLOGIAS, CULTURA MIDIÁTICA E FORMAÇÃO HUMANA TECHNOLOGIES, MEDIA CULTURE AND HUMAN TRAINING

Marta Regina Furlan¹

<https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>

Flávia Regina Schimanski dos Santos²

<https://orcid.org/0000-0002-4583-0193>

Natasha Yukari Schiavinato Nakata³

<https://orcid.org/0000-0002-7455-8504>

Tatiana de Freitas Silva⁴

<https://orcid.org/0000-0002-3668-1616>

Resumo:

O avanço e conseqüentemente o uso das tecnologias tem se fortalecido desde o século XXI, tomando proporções objetivas na dinâmica da vida em sociedade, mas também se alastra na subjetividade humana. Pensando na necessidade de refletir sobre a questão, o estudo ocupa-se em discutir as relações entre a Indústria Cultural e a Educação, considerando os impactos da tecnologia e da cultura midiática na formação humana. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em uma abordagem qualitativa. A busca se deu por meio da leitura dos clássicos da Escola de Frankfurt e autores que dialogam em uma mesma perspectiva. Em síntese, compreendemos com o estudo que os produtos da Indústria Cultural se estabelecem não só de forma objetiva, mas se alastram para a subjetividade humana, alterando as concepções e valores dos indivíduos na atual conjuntura. Cumpre-se destacar a importância da educação nesse processo em contribuir para que as pessoas consigam pensar por si mesmas, sem imergir nos encantos ilusórios proporcionados pela cultura midiática dominante. Ainda, é um direito de cada indivíduo o acesso a uma educação emancipadora, a qual descarte toda a neutralidade e reafirme o compromisso com a formação humana.

Palavras-chave: Tecnologia; Indústria Cultural; Educação.

Abstract:

The advance and consequently the use of technologies have been strengthened since the 21st century, taking objective proportions in the dynamics of life in society, but also spreading to human

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina/PR, Brasil.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina/PR, Brasil.

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina/PR, Brasil.

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina/PR, Brasil.

subjectivity. Thinking about the need to reflect on the issue, this study discusses the relations between the Cultural Industry and Education, considering the impacts of technology and media culture on human formation. This is bibliographic research with a qualitative approach. The search was made through the reading of the classics of the Frankfurt School and authors who dialogue in the same perspective. In synthesis, we understand with this study that the products of the Cultural Industry are established not only in an objective way, but also spread to the human subjectivity, changing the conceptions and values of individuals in the current conjuncture. It is important to highlight the importance of education in this process to contribute to people being able to think for themselves, without being immersed in the illusory charms provided by the dominant media culture. Still, it is a right for every individual to have access to an emancipating education, which discards all neutrality and reaffirms the commitment to human formation.

Keywords: Technology; Cultural Industry; Education.

LINHAS INTRODUTÓRIAS

Ao longo dos anos, o uso das tecnologias tem se fortalecido e alcançado os mais diversos espaços no cotidiano e nas dinâmicas de vida na sociedade. Parece ser consenso de que “[...] estamos inseridos num mundo globalizado, onde a tecnologia e as mídias facilitam a comunicação mundial, com informações em tempo real em praticamente todos os povos, gerando novas formas de pensar e de se desenvolver” (RODRIGUES, 2012, p. 11). Assim, estamos cada vez mais subordinados e reféns do uso da tecnologia em diferentes aparelhos.

Em muitos aspectos, a tecnologia está a serviço de condições facilitadoras para as atividades humanas, visto que a tecnologia é uma forte aliada para o desenvolvimento social. Até mesmo as mais básicas necessidades, como no caso dos aplicativos que possibilitam pedir comida a qualquer horário e meios de transporte alternativos que facilitam a locomoção de forma rápida e mais prática. Desse modo, vê-se uma modificação nas maneiras de se viver em sociedade, impactando na dinâmica de vida urbana e até mesmo rural, onde as tecnologias do campo já são realidade na forma de gerenciar as produções agropecuárias por meio de softwares que visam o aumento da produtividade.

No entanto, as novas tecnologias possuem uma outra face para além das sutis utilidades no cotidiano e possibilidades de progresso para a humanidade. O avanço da dominação técnica transformou-se, segundo Max Horkheimer e Theodor Adorno (1991), num poderoso instrumento utilizado pela Indústria Cultural, a fim de conter o desenvolvimento da consciência das massas. O homem moderno está cada vez mais imerso nas novidades tecnológicas o que o faz ser facilmente distraído de suas próprias convicções e, assim, controlados. Conforme apontam os autores, a Indústria Cultural “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, incapazes de julgar e de decidir conscientemente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p. 19).

Evidencia-se, então, um impacto subjetivo no qual as influências modernas não impactam apenas de forma objetiva, mas adentram no plano intelectual alterando o desenvolvimento da formação humana e das relações que se estabelecem entre os indivíduos. A evolução dessas tecnologias tem influenciado novas formas de trabalho, de informação, de lazer e das diversas interações humanas. Elas estão de certa forma modificando, inclusive, os modos que se estabelecem os processos educativos.

Pensando na necessidade de refletir sobre essa questão, o presente estudo ocupa-se em discutir as relações entre a Indústria Cultural e a Educação, considerando os impactos da tecnologia e da cultura midiática na formação humana. Para esta reflexão, optamos por uma pesquisa bibliográfica em uma abordagem de cunho qualitativo à luz dos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade. A busca se deu por meio da leitura dos clássicos da Escola de Frankfurt e autores que dialogam em uma mesma perspectiva.

Escolhemos esta perspectiva teórica, por ela própria dar embasamento teórico metodológico para a pesquisa, através do entendimento do movimento teórico crítico que Adorno e Horkheimer fazem ao discutirem sobre sociedade, educação e formação pelo caminho da reflexão e da crítica.

Em síntese, sabemos que o cenário educacional não está ileso das influências da Indústria Cultural, no entanto, compreendemos com o estudo que os produtos da Indústria Cultural se estabelecem não só de forma objetiva, mas se alastram para a subjetividade humana, alterando as concepções e valores dos indivíduos na atual conjuntura. Cumpre-se destacar a importância da educação nesse processo em contribuir para que as pessoas consigam pensar por si mesmas, sem imergir nos encantos ilusórios proporcionados pela cultura midiática dominante. Ainda, é um direito de cada indivíduo o acesso a uma educação emancipadora, a qual descarte toda a neutralidade e reafirme o compromisso com a formação humana.

INDÚSTRIA CULTURAL E A DOMINAÇÃO DA TÉCNICA

É certo que a tecnologia não é uma novidade do nosso tempo, visto que, desde a pré-história o homem encontra nas suas necessidades um estímulo para pensar em novas alternativas para solucioná-las, assim, a inserção de diferentes aparatos tecnológicos nos mais diversos meios de uso foram se aprimorando diante das transformações históricas, culturais e sociais.

Mas, como podemos descrever o que é a tecnologia? Para Abbagnano (2007, p. 953) tal palavra pode ser definida como:

TECNOLOGIA (in. Technology-, fr. Technologie; ai. Technologie: it. Tecnologia). 1. Estudo dos processos técnicos de determinado ramo da 15 produção industrial ou de vários ramos. 2. O mesmo que técnica. 3. O mesmo que tecnocracia.

Em relação à sua origem, a palavra tecnologia vem do grego "*tekhne*" que significa "técnica, arte, ofício" juntamente com o sufixo "*logia*" que significa "estudo". Logo, o próprio significado nos remete a ideia de aplicação prática do conhecimento científico em diversas áreas afim de resolver problemas. Ora a tecnologia é vista como aliada, ora percebida como a pior das inimigas, devido ao caráter contraditório que carrega em si por poder ser usada de forma indiscriminada tanto para ações positivas como negativas.

Marx (2014) acreditava que o desenvolvimento tecnológico era essencial para o combate à escassez; neste sentido, o problema não era a tecnologia em si, mas apenas sua utilização indevida pelo capitalismo, o qual se apropriou com fins meramente instrumentais a tornando mais uma mercadoria em seu modelo. Esse é um dos principais pontos de discussão sobre a inserção da

tecnologia nos processos educativos. Inicialmente, Adorno e Horkheimer (1985) e Marcuse (1982) também a enxergaram como instrumento para o progresso da humanidade, tanto material como espiritualmente. Na visão de ambos, a ciência positiva promoveria a emancipação da humanidade de medos e mitos ilógicos e levaria ao esclarecimento.

O avanço da dominação técnica transformou-se, segundo Adorno e Horkheimer (1985), num poderoso instrumento utilizado pela Indústria Cultural, a fim de conter o desenvolvimento da consciência das massas. Sabe-se, conforme as palavras deles, que a Indústria Cultural “[...] impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, incapazes de julgar e de decidir conscientemente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p. XIX). Trata-se de um grande aparato de produção de cultura que surgiu devido ao avanço da técnica em detrimento da razão consciente, afinal, como os autores explicam, a Indústria Cultural é a razão instrumental. Ela atua como um grande sistema interligado dos meios de comunicação, ou seja, da cultura midiática atual e sua principal função é gerar lucro por meio de propagandas e produtos atrativos que moldam o comportamento das pessoas.

O caráter social dos processos técnicos sobre as relações capitalistas constitui-se, ainda que não sem contradições, em forças do capital, haja vista que os processos tecnológicos tendem a ser direcionados na lógica do lucro e não no plano das necessidades humanas. Desse modo, os homens definem e produzem a ciência e a tecnologia. São produtos humanos marcados pelas relações sociais (econômicas, políticas, culturais, éticas). A ciência e a técnica são predominantemente produzidas no interior de relações marcadas pela exploração e exclusão social.

Frigotto (1991, p. 133) afirma:

Entendida a tecnologia enquanto expressões de relações sociais, produto da ação humana, sob as relações capitalistas, podem constatar outros fatos não menos graves. A lógica do lucro, e não das necessidades humanas, leva, ao mesmo tempo, a “congelar”, como mercado de reserva, determinadas invenções que poderiam ser de extrema utilidade para minimizar as mazelas humanas. De outra parte, determinados inventos e tecnologias, em nome da mesma lógica, são tornados obsoletos precocemente.

Quando discutimos o avanço técnico e do seu impacto social, não devemos esquecer-nos de situá-lo em um contexto mais amplo do desenvolvimento da sociedade industrial. Uma gama enorme de concepções sobre ciência, economia, política e cultura de maneira geral formou o conjunto ideológico de sustentação do sistema capitalista tal qual se apresenta na sua versão contemporânea.

Parafrazeando as afirmativas de Marcuse (1982), a tecnologia, como modo de produção do capital e como totalidade dos instrumentos, consiste em uma forma de organizar e perpetuar ou modificar as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação. Sua ampliação na sociedade contemporânea tem provocado eficiência técnica do trabalho e das relações sociais e tem estabelecido o poder sobre os seres humanos, e, com isso, o indivíduo tornou-se dependente da técnica.

Para Marcuse (1982, p. 13), os meios de comunicação de massa não encontram dificuldade em aceitar interesses particulares como sendo de todos os homens sensatos. “As necessidades políticas da sociedade se tornam necessidades e aspirações individuais, sua satisfação promove os negócios e a comunidade, e o conjunto parece constituir a própria personificação da razão”.

Destarte, o pensamento de Marcuse (1982, p. 30) é convidativo para essa análise, uma vez que afirma que “a técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo”. Podemos citar o caso da televisão que, isoladamente, não teria tal poder, mas, por outras características conjunturais na sociedade industrial, que fazem com que o indivíduo a ela se apegue em razão da inexistência de um projeto educacional politicamente comprometido com a superação das contradições dessa forma de organização social, torna-se um meio de expressão dos mais representativos da massificação da cultura na atualidade.

Mannheim (1961, p. 15) defende as mesmas ideias de Marcuse (1973) ao afirmar: “denomino-as técnicas porque, como todas as técnicas, não são boas nem más em si mesmas; tudo depende do uso que delas se faz em função da vontade humana”. O que há de mais importante a respeito delas é que tendem a fomentar a centralização e, por conseguinte, o domínio da minoria em favor da exclusão e definhamento da maioria. Esse definhamento far-se-á, conforme ideias de Mannheim (1961, p. 16), quando o terror da eficiência da técnica social está no fato de “escravizar a maior parte da população e impor crenças, credos e um comportamento que não correspondem à própria natureza do cidadão”.

O mesmo autor reforça que se refere às técnicas sociais e, como todas as técnicas, não são classificadas nem como boas e nem más em si mesmas, visto que tudo depende do uso que lhes é dado pela vontade e inteligência do homem. Caso sejam deixadas entregues a si mesmas, evoluindo de forma desprotegida, podem conduzir a ditadura. Por outro lado, “se levadas a servir a um bom propósito, e continuamente refreadas, se não subjugam o homem, mas são por este subjugadas, conta-se entre as mais magníficas realizações da humanidade [...]” (MANNHEIM 1961, p. 16).

Acrescenta o autor que, no uso da técnica, teremos que distinguir entre planejamento para a conformidade e planejamento para a liberdade e diversificação. Faz uma analogia a esse respeito com o regente de uma orquestra em que, segundo ele, “coordena os diferentes instrumentos e depende dele dirigir esta coordenação para obter monotonia ou variedade” (MANNHEIM, 1961, p. 17). Assim, as técnicas sociais estão à nossa disposição; cabe pensarmos a melhor forma de planejamento para seu uso na vida social e individual das pessoas. Não é um processo de ações simples, pois envolvem análises críticas acerca das ações mais adequadas a serem tomadas.

Esse quadro da ciência e da técnica, em favor da liberdade e diversificação, posto no horizonte das necessidades humanas coletivas, implica relações sociais que tenham como centro ético-político a construção do humano em todas as suas dimensões, sejam elas: físicas, intelectuais, sociais, afetivas e psicológicas. Nessa perspectiva, Frigotto (1991, p. 134) afirma: “A ciência e a técnica, neste horizonte, serão prolongamentos das capacidades humanas, elementos cruciais para liberar a humanidade da dor, fome, sofrimento e do trabalho desgastante e dilatar o mundo da ‘liberdade’”.

No caso das técnicas sociais, entrelaçadas ao sistema midiático-cultural, produzem padronizações, fórmulas, esquemas, formatações e expectativas que retroagem e influenciam as manifestações culturais, gerando um processo de mútua influência. Além disso, o sistema midiático gera e difunde uma cultura que, se não lhe é própria, pelo menos lhe é adequada, reorganizando a percepção do espaço e do tempo, e difundindo poderosamente no imaginário e na

prática social das pessoas seus próprios ritmos, espacialidades, formas de interação social, noções de identidade e de pertencimento. Além disso, por intermédio da técnica, a mídia influencia muito mais pela sedução do que pela argumentação, alterando, contudo, a própria percepção que os sujeitos têm da realidade (MOREIRA, 2003).

Isso se dá justamente pelo fato de que a técnica se entremeia ao imaginário social tão intensamente que as formas de simbolização do indivíduo se mesclam a seus conteúdos de mensagem. Fabiano (2001, p. 06) reforça essa dimensão ao citar o exemplo da televisão:

Por esse canal de mensagem tão sedutor, milhões de retinas são bombardeadas o tempo todo com uma estética comprometida ideologicamente, cuja função, consoante aos princípios da indústria cultural, é desconectar a relação de consciência entre o sujeito e a historicidade pela qual ele se constrói [...].

A verdade é que a atual conformação das inovações tecnológicas dá margem à convicção de estar vivendo tempos melhores. A ordem capitalista das últimas décadas insiste no argumento de que está adotando, como parâmetro de sustentação, o talento educado. A promessa de felicidade é reacalentada constantemente, melhor dizendo, renovam-se em cada indivíduo novos objetos destinados a promover comodidade e conforto. A difusão de produtos e recursos eletroeletrônicos é deveras espantosa. Os meios de comunicação de massa reforçam que o trânsito a esse reino encantado depende da vontade e do empenho de cada um. Reacende-se o otimismo acerca de um futuro de progresso infinito e, por conseguinte, de bem-estar.

Um dos aspectos mais evidentes do mundo contemporâneo é o lugar central ocupado pelos meios tecnológicos de produção, reprodução e difusão de informações audiovisuais. Desde o início do século XX, sistemas como o rádio, os toca-discos e o cinematógrafo; posteriormente, a televisão e o vídeo; mais recentemente, os recursos de processamento digital de som e imagem têm um papel enorme e crescente em todos os âmbitos de nossas vidas, tendo se tornado verdadeiros catalisadores de nossa afetividade e de nosso posicionamento diante do mundo e das coisas em geral.

Desse modo, Duarte (2008) elucida que a humanidade tem se defrontado com um estado verdadeiramente calamitoso, isto é, o cenário é de constante calamidade e desastres como as guerras, a miséria, a fome, a opressão, a perseguição e nas questões midiáticas se evidencia um obscurantismo pelos conteúdos que estão sendo disseminados, incentivando o pensamento de que qualquer não há caminho para qualquer mudança positiva “[...] a não ser o da apropriação privada dos meios de produção e do excedente social – todo o resto é ilusão” (DUARTE, 2008, p. 8).

Marx (2014) dá ênfase à máquina ou à técnica enquanto instrumento do trabalho, contribuindo decisivamente para essa discussão apontada por Duarte. Afirma Marx (2014, p. 428):

O instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina, logo se torna concorrente do próprio trabalhador. A auto-expansão do capital através da máquina está na razão direta do número de trabalhadores cujas condições de existência ela destrói. Todo o sistema de produção capitalista baseia-se na venda da força de trabalho como mercadoria pelo trabalhador [...]. Quando a máquina se apodera, pouco a pouco de um ramo da produção, produz ela miséria crônica na camada de trabalhadores com que concorre. Quando a transição é rápida, seus efeitos são enormes e agudos [...].

Os argumentos de Marx (2014) nos permitem uma leitura crítica em relação à máquina, uma vez que quanto mais o processo produtivo incorpora ciência, tecnologia, menos o trabalhador o compreende e mais é expulso do circuito. A parcela de trabalhadores ocupando posições que requerem algum conhecimento especializado é muito pequena diante do contingente que vai sendo excluído do processo, nas pegadas da automação. O decréscimo nos postos de trabalho é acompanhado pelo aumento das exigências, em termos de escolaridade, para o preenchimento de vagas restantes. Isto nem sempre se deve ao fato do trabalho estar se tornando mais complexo. É, antes, um meio de selecionar candidatos num contexto onde a procura é superior à oferta. Os que ficam são, em geral, submetidos a uma reciclagem, em que adquirem um conhecimento marcadamente técnico, indispensável e apenas o suficiente para responder às demandas imediatas da produção. Aliás, o indivíduo nada tem feito, senão cumprir papéis sociais. É como se ele tivesse sido projetado para fora de si. O que prevalece, por todo o lado, é a subordinação do homem ao trabalho, ao consumo do supérfluo (PALANGANA, 2015).

A autora ainda elucida que a produção em massa dá margem ao que se aparece inicialmente como fantasias ou caprichos dos consumidores, demonstrando que para satisfazer tais necessidades, o sistema necessita de flexibilidade. Significa dizer, que a Indústria Cultural envolve os indivíduos de modo a esvaziar as individualidades, mas ao mesmo tempo, o mercado como um todo se movimenta na disputa pelo comprador e assim, “[...] apela para necessidades, gostos, interesses, para o “tipo de cada um”. Apela isto sim, para a velha, mas viva, necessidade de realização do indivíduo [...]. (PALANGANA, 2015, p. 74). Acrescente-se a isso a produção mecanizada de ideias em massa, por meio da imprensa e das comunicações sem fio, agindo nesse sentido. Ora, através desse aparato técnico, Mannheim afirma a possibilidade de, por exemplo,

[...] controlar escolas e todas as atividades da educação de um único centro e compreender-se-á que a recente mudança do governo democrático para sistemas totalitários também se deve, a este respeito, não tanto às mudanças nas idéias dos homens quanto às mudanças de técnica social (MANNHEIM, 1961, p. 14).

Complementa o autor no sentido de enfatizar que as técnicas sociais aperfeiçoadas não só são altamente eficazes, mas, sobretudo, favorecem o predomínio da minoria e a exclusão da maioria, que, no caso, seria a sociedade de massas. Nesta descrição da concentração das técnicas sociais, reporta-se deliberadamente a mudanças que caracterizam a própria estrutura da sociedade moderna. Ancorado nas necessidades do capital e remodelado pela melhor tecnologia que o homem conhece, o controle se apresenta como sendo a própria personificação da razão para o bem da humanidade. Seu poder de manipulação e manutenção do *status quo* é camuflado pela socialização dos bens de consumo. Além do que,

[...] a livre escolha entre ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentam os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor – isto é, se sustentam alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidade superimposta não estabelece autonomia, apenas testemunha a eficácia dos controles (MARCUSE 1973, p. 28).

Diante desses feitos tecnológicos, vemos, em sentido expansivo, os sistemas de comunicação e informação atrelados aos grandes avanços técnicos, afinal, a compreensão desse momento social contemporâneo só se faz mediante o impacto dos meios de comunicação e da tecnologia avançada. Também se permite pensar na produção e circulação de novas formas simbólicas pela cultura midiática, tão enfaticamente abordada atualmente. A mídia, em específico,

atinge um papel decisivo na vida social e no cotidiano das pessoas, sejam elas: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

Ainda, há o emprego sistemático dos computadores em praticamente todos os sistemas de comunicação e informação, o que aumenta a velocidade e a qualidade em todas as fases do processo, além de permitir redução de custo e aumento de lucros para as empresas. Vivemos a revolução digital na transmissão de dados e informações com a chamada sociedade da informação e/ou do conhecimento.

Entretanto, mesmo com tanto aparato tecnológico, existem ainda sociedades e/ou grupos sociais excluídos totalmente dessa rede de fluxos e/ou de informação. Entretanto, a própria rede de globalização e a força da Indústria Cultural possibilitam a produção, distribuição e consumo de bens de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltados para todos os grupos sociais, indistintamente. Assim, Ortiz (2006, p. 16) adianta: “a globalização nada mais é do que a expansão dinâmica da economia de mercado a todos os âmbitos da vida social, em todos os países e regiões do mundo, ainda que de forma e em ritmos diferenciados”.

Ademais, há que se compreender que o progresso técnico faz parte de um sistema de dominação bem estruturado e, assim, cria formas de vida e de poder que facilitem os movimentos da ordem do capital. Santos (2015, p. 21) demonstra profunda decepção com as promessas da ciência da modernidade, as quais pensávamos possuir potencialidades de, por meio dos conhecimentos acumulados, libertar-nos das carências e inseguranças de nosso tempo. Em meio a situações de ascensão do sendo comum, o autor reflete sobre a perda de confiança epistemológica. Ainda, destaca a destruição do poder criativo da humanidade. Pode-se dizer que a cultura midiática tem transformado a forma de pensar e agir.

A indústria de comunicação, pertence aos setores mais dinâmicos do capitalismo global, em que os novos missionários do capitalismo corporativo perseguem a ofensiva máxima na guerra industrial e mercadológica em qualquer hemisfério, buscam a centralização decisória e tecnoproductiva via unidades de consumo, investem maciçamente em tecnologias digitais que estimulem a otimização comercial de programações, bens e serviços (MORAES, 2003).

Hoje, os grandes agentes privilegiados no processo de (re)criação e difusão de valores simbólicos são as grandes empresas transnacionais da mídia, da publicidade e do entretenimento. Essas corporações, em posse das empresas de televisão, computadores, internet, vídeos, cinema, aparelhos de diversão eletrônicos, mas também de rádios, revistas, jornais, *outdoors*, *banners* e outras formas de comunicação imagética, sonora e ou virtual, são agentes poderosos para a ampliação e o fortalecimento da Indústria Cultural e das relações de consumo e mercadoria. Fortalecem o sistema midiático cultural com modificações profundas no âmbito da cultura, em todos os seus aspectos. Talvez a mais importante dessas transformações seja o fato de que a própria cultura é cada vez mais midiaticizada.

No que se refere à televisão, algumas vezes nos informamos: a televisão é um dos fenômenos básicos da nossa civilização, e é preciso não só encorajá-la na perpetuação da cultura midiática em favor da propaganda e do consumo, como também estudá-la nas suas manifestações e efeitos na vida social e individual das pessoas, principalmente quando nos deparamos com sua influência na formação de conceitos.

Assim, enquanto uma das formas de comunicação ou espetáculo, a televisão afirma-se como um modo de “contar” fatos totalmente diversos em suas manifestações: a transmissão direta envia ao ar as imagens de um acontecimento no momento mesmo em que acontece, e o diretor vê-se, de um lado, tendo que organizar um “relato” de modo a oferecer uma notícia lógica e ordenada do que acontece, mas, do outro, deve também saber acolher e canalizar para sua narração todos aqueles eventos imprevistos, aqueles incertos e aleatórios que o desenvolvimento autônomo e incontrolável do fato real lhe propõe. Em meio a essas ações, a televisão propõe uma leitura simbólica da propaganda, recheando os momentos de tristeza, tragédias e alegrias das programações.

Mesmo sucumbindo ao eu, em função da tragédia anunciada no programa jornalístico, o indivíduo é capaz de se (re)organizar internamente para receber a propaganda da nova marca de carro, por exemplo. Nada mais natural do que vivenciar emoções tão distintas em um curto espaço de tempo.

Adorno e Horkheimer, na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985, p. 119), complementam as ideias acima registradas:

A imaginação está recalcada o suficiente para não importunar a cada novo programa a que se assiste, para não titubear diante dos apelos de consumo. Até mesmo os mais distraídos terminam dando atenção aos incansáveis chamados da indústria cultural. Antecipando as necessidades das pessoas, ela exerce sobre as mesmas um poder contagiante, do qual dificilmente se escapa, dado que, até mesmo pensar, a indústria pensa pelos indivíduos. Em franca contradição com este fato, essa mesma cultura é entremeada pelo discurso que proclama em alto e bom som a demanda por pessoas capazes de pensar e tomar decisões por conta. Devido às mudanças que vêm sendo feitas na base técnica e organizacional do processo produtivo, a intervenção na subjetividade, na consciência, na conduta, no disciplinamento do indivíduo, é considerada estrategicamente fundamental. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Assim, a identidade e o pensamento são constituídos num processo social e simbólico, historicamente específico a cada grupo ou povo. Conforme Woodward (2014, p. 14), “a identidade é, na verdade, relacional, e as diferenças são estabelecidas por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades [...] [ela] está vinculada também às condições sociais e materiais”. Envolvidos nesse processo social e simbólico de contínua construção e reposicionamento da identidade, podemos afirmar que tais significados são produzidos pelas representações à medida em que inserimos algum sentido à nossa própria experiência e àquilo que somos. É no fato de toda representação ser concebida como um processo cultural, no qual são estabelecidas identidades – tanto individuais como coletivas – além dos sistemas simbólicos aos quais essa representação se baseia, que se é possível responder a questões como “Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2014, p. 17).

Nesse propósito, destacamos que, a partir dos discursos e das visões de mundo produzidos pelos sistemas de representação simbólica (como por exemplo: televisão, computador, internet e outros), os sujeitos podem se posicionar e construir sua identificação com determinados papéis, perfis e significados, embora muitas vezes essas escolhas sejam feitas por desejos e dinâmicas do inconsciente. Aqui, a presença da mídia é decisiva, porque suas “histórias, mensagens e anúncios, como de todas as práticas de significação que produzem significados, envolvem relações de poder,

incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (MOREIRA, 2003, p. 1211). Isso significa que as informações recebidas pela mídia podem ser manipuladoras, uma vez que são produzidas a esse fim. Daí se encontra a necessidade de os sujeitos compreenderem a aplicação desses meios e conseguirem estabelecer uma relação de autonomia diante delas, por meio de sua própria avaliação crítica desses conteúdos.

A esse respeito, Marcuse (1982) em um dos seus escritos a respeito das implicações sociais da tecnologia moderna, enfatiza que a tecnologia é compreendida como o processo social em que indivíduos e grupos sociais determinam sua aplicação e utilização. Avalia que a tecnologia acaba por compactuar com o controle social a desenvolver formas cada vez mais complexas e eficazes. Segundo o autor,

A tecnologia como modo de produção, como totalidade de instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era das máquinas é assim ao mesmo tempo um modo de organizar e perpetuar (ou mudar) relações sociais, uma manifestação de padrões de pensamento e comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação (MARCUSE, 1982, p. 113).

Desse modo, é possível reconhecermos que a noção da “neutralidade” da tecnologia não pode mais ser sustentada, ou seja, a tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; ainda, a sociedade da tecnologia é, inevitavelmente, um sistema de dominação que já opera e modela no conceito e na elaboração da técnica.

LINHAS FINAIS

Considerando o avanço das tecnologias desde o século XXI e suas recorrentes influências no trato dos assuntos humanos e em suas diversas dinâmicas de interações e relações, sobretudo, no campo formativo, ocupamo-nos neste estudo em discutir as relações entre a Indústria Cultural e a Educação, considerando os impactos da tecnologia e da cultura midiática na formação humana. O desenvolvimento do estudo contribuiu no sentido de abrir reflexões acerca da conjuntura atual permeada pela tecnologia, considerando a importância da inserção tecnológica desde as questões mais básicas das necessidades humanas, como nas mais complexas, como no caso dos processos educativos.

Vimos que Adorno e Horkheimer (1985) anunciaram que, com os sistemas tecnológicos presentes em todos os níveis da vida social, surgiu uma Indústria Cultural para garantir a reprodução do capital. Observa-se que os produtos da Indústria Cultural se estabelecem não só de forma objetiva, mas se alastram para a subjetividade humana, alterando as concepções e valores dos indivíduos. Assim, a própria interpretação dos conteúdos midiáticos pode ser corrompida e servir ao objetivo a que foram elaboradas: o de manipular o pensamento das pessoas, alienando-as por meio de distrações chamativas e as distanciando-se de um pensamento mais elaborado e crítico, já que as informações arrastam os telespectadores para o consumismo e, assim, para a manutenção de um modelo de sociedade em que a humanidade fica em segundo plano e o centro de tudo é o capital.

A Indústria Cultural, enquanto porta-voz do sistema produtivo e econômico, ferramenta e produto do sistema capitalista, espalha padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos em várias instâncias de suas vidas, seduzindo-os para o imediato, para o que é visível, para o que seduz, manipula; enfim, para o consumo sem medida e sem criticidade. Além dessas

características, a própria organização tempo-espço social precisou ser compreendida no âmbito do pensamento, haja vista que essas mudanças interferem diretamente nas relações de consumo e na constituição da individualidade. As próprias percepções humanas são alteradas, e, na maioria das vezes, tudo se naturaliza, inclusive o sofrimento. Nesse processo, vemos a ênfase sem medida ao consumo e à mercadoria.

A literatura consultada, reconhece os avanços e possíveis contribuições para o progresso da humanidade por meio do uso das tecnologias, no entanto, alertam para a outra face dessas tecnologias. O uso exacerbado e inconsciente dos atrativos produtos da Indústria Cultural, envolve as pessoas em uma onda de consumismo inesgotável. Uma das cartas do capital – a indústria de comunicação – pertence aos setores mais dinâmicos do capitalismo global, investe maciçamente em tecnologias digitais que estimulem a otimização comercial de programações, bens e serviços (MORAES, 2003). Desse modo, há um conjunto de sistemas de controle que agem sem que os indivíduos percebam quão controlados e guiados são.

Em um cenário ideal, cumpre-se entender a educação como um elemento que contribua para que as pessoas consigam pensar por si mesmas, sem imergir nos encantos ilusórios proporcionados pela cultura midiática dominante. Ainda, é um direito de cada indivíduo o acesso a uma educação emancipadora, a qual descarte toda a neutralidade e reafirme o compromisso com a formação humana e com a liberdade de poder interpretar os conteúdos diariamente espalhados nos mais diversos meios de comunicação. Ser e estar na sociedade, significa compreender o que está por trás de todo atrativo midiático além ter a consciência de que a sociedade da tecnologia é, inevitavelmente, um sistema de dominação que já opera na cultura atual. Transformar o uso das tecnologias para melhores condições de vida e de emancipação sem nos tornarmos reféns desses meios, é a reflexão que desejamos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Indústria Cultural, primeiro socorro conceitual**. Maringá, 2001. p. 1-8.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Tecnologia, relações sociais e educação**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 105, p. 131-148, abr.-jun. 1991.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Textos escolhidos**: traduções Zeljko Loparié et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Tradução de Octavio Alves Velho. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCUSE, Herbert. **Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARX, Karl. **O Capital**. Traduzido por Abguar Bastos. São Paulo: Veneta, 2014.

MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, dez. 2003.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

RODRIGUES, Marelaine de Ávilla. **As tecnologias digitais na formação de professores: construção de conhecimentos e cultura digital como elementos de qualificação pedagógica**. 2012. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Mídias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em: 27 de setembro de 2022

Aprovado em: 03 de abril de 2023